

COLÓQUIO

Letras

número 206 Janeiro/Abril 2021

COLÓQUIO

Letras

REVISTA QUADRIMESTRAL

EDIÇÃO E PROPRIEDADE



CONSELHO EDITORIAL

Eduardo Lourenço
(PRESIDENTE)

Ana Paula Tavares
(ANGOLA)

Carlos Mendes de Sousa
(UNIVERSIDADE DO MINHO)

Cleonice Berardinelli
(PUC – BRASIL)

Germano Almeida
(CABO VERDE)

Gilda Santos
(UFRJ – BRASIL)

Helder Macedo
(KING'S COLLEGE – LONDRES)

Ida Ferreira Alves
(UFF-BRASIL)

José Manuel da Costa Esteves
(UNIV. PARIS NANTERRE LA DÉFENSE)

Laura Cavalcante Padilha
(UFF-BRASIL)

Leyla Perrone Moisés
(USP-BRASIL)

Luís Bernardo Honwana
(MOÇAMBIQUE)

Maria Andresen de Sousa Tavares
(UNIVERSIDADE DE LISBOA)

Maria João Reynaud
(UNIVERSIDADE DO PORTO)

Osvaldo Manuel Silvestre
(UNIVERSIDADE DE COIMBRA)

Rita Marnoto
(UNIVERSIDADE DE COIMBRA)

Sérgio Nazar David
(UERJ-BRASIL)

DIRETOR

Nuno Júdice

APOIO À DIREÇÃO

Ana Marques Gastão

APOIO EDITORIAL

Maria Filipe Ramos Rosa

Número avulso – 13 €

Assinatura anual (3 números)

36 € – Portugal

40 € – Especial*

55 € – União Europeia

65 € – Resto do Mundo

Os preços para Portugal incluem o IVA.

* Guiné-Bissau, S. Tomé e Príncipe
e Timor-Leste

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Fundação Calouste Gulbenkian
Avenida de Berna, 45 – 1067-001 LISBOA
Tel.: 21 782 35 67
E-mail: coloquioletras@gulbenkian.pt
www.coloquio.gulbenkian.pt

ASSINATURAS

Vendas – Fundação Calouste Gulbenkian
Avenida de Berna, 45 – 1067-001 LISBOA
Tel: 21 782 32 92 / vendas@gulbenkian.pt

DESIGN Overshoot Design

CAPA Overshoot Design
(a partir de obras de Avelino Sá)

IMPRESSÃO Norprint

ESTATUTO EDITORIAL

Disponível em coloquio.gulbenkian/contactos/

TIRAGEM 1000

DEPÓSITO LEGAL 44718/91

ISSN 0010-1451

HOMENAGEM AO AMIGO EDUARDO LOURENÇO

Quase apetece dizer que, com a morte de Eduardo Lourenço, perdemos o último dos grandes pensadores e intelectuais que acompanharam a nossa segunda metade do século XX e o início deste século. Em Lourenço tínhamos a inteligência feita voz, e essa voz fez-se ouvir desde o momento de afirmação da sua «heterodoxia», numa época em que a cultura anti-Estado Novo afinava pelo mesmo diapasão ideológico, construindo uma obra ensaística e crítica livre de imposições. Depois do 25 de Abril, foi também dos poucos que, graças ao distanciamento que lhe era dado por viver em França, pôde pensar de forma sistemática o rumo complexo e contraditório que nos conduziu à democracia e, finalmente, à opção por uma Europa *introuvable*, para usar a palavra francesa, de tão difícil equivalência em português, presente no título de um dos livros em que ele coloca a questão de como ser português e europeu ao mesmo tempo.

Pensador do labirinto por onde deambula a nossa identidade, aí se foi cruzando com o Padre António Vieira, com Antero de Quental, com Fernando Pessoa, tentando ver, através do diálogo com as suas sombras, essa «luz bruxuleante», para citar Jorge de Sena, capaz de nos conduzir a uma saída racional. Era fascinante ouvir como Eduardo se situava nesse cruzar de caminhos que, umas vezes, iam dar a portas fechadas, e de outras vezes nos levavam para saídas de uma lógica tão clara que nos admirávamos de como nunca tínhamos dado por ela. Ouvi-lo, era acompanhar o modo como o seu pensamento avançava, umas vezes Tateando as hipóteses que talvez não dessem em nada, e logo passando a um raciocínio lógico que, desbravado o campo desses obstáculos, nos conduzia para um horizonte em que o mundo surgia com uma evidência perfeita.

Mas há, na obra de Lourenço, mais do que a filosofia. A sua escrita tem a mesma qualidade literária e, pode dizer-se, poética, que encontramos nos grandes que ele estuda. Por isso o lemos e relemos, sempre encontrando algo de diferente, como sucede na leitura dos seus mestres, de Vieira a Pessoa — uma das razões da

perenidade do seu pensamento, mesmo quando forem ultrapassados os contextos que o levaram a um ou outro ensaio. E aprenderemos sempre mais alguma coisa sobre nós, primeiro na nossa dimensão humana, depois na circunstância de quem nasceu no império da língua que ele tanto amou e soube cultivar. Pude testemunhar isso ao longo dos muitos anos de amizade e de trabalho com Eduardo Lourenço, tanto em encontros literários como no convívio em múltiplas ocasiões em Portugal e no estrangeiro, e depois na direção desta revista da Fundação Calouste Gulbenkian para que ele me convidou, e que tanto empenho teve em acompanhar como Presidente do Conselho Editorial, sempre presente. No plano pessoal, nada substitui esta perda; mas fica a sua obra e a marca deixada em iniciativas que têm o seu nome e hão de perpetuar a sua memória, a nível nacional e também na terra onde nasceu, São Pedro do Rio Seco, numa Beira interior a que sempre guardou fidelidade. E a melhor homenagem que lhe posso prestar é seguir o rumo desta revista que ele tanto gostava de ver quando lhe chegava às mãos. Depois de um ano tão difícil, em que saiu um número dedicado a uma geração de 1870 com quem não se cansava de dialogar e dois outros sobre escritores que lia e admirava, Gonçalo M. Tavares e Lídia Jorge, a primeira *Colóquio/Letras* de 2021 evoca Maria Velho da Costa e dedica um conjunto de ensaios a Manuel Bandeira, onde a poesia em língua portuguesa, na sua vertente brasileira, encontra um dos seus expoentes.

Nuno Júdice

SUMÁRIO

MANUEL BANDEIRA

- 11 Paisagem da janela: leitura de «A Realidade e a Imagem»
de Manuel Bandeira
Yudith Rosenbaum
- 24 «Como que provisoriamente»: apaziguamento e morte
em Manuel Bandeira
Pedro Meira Monteiro
- 37 A morte dos nomes
Clara Rowland
- 50 O melhor deles todos: o caso da protonotária
Abel Barros Baptista
- 61 «Terra de Manuel Bandeira» em alguma poesia
portuguesa contemporânea
Fernando J. B. Martinho
- 69 Uma lição de moral, uma lição de poesia: O'Neill lendo Bandeira
Joana Meirim

MARIA VELHO DA COSTA

- 83 Da rosa e do corpo: Maria Velho da Costa e a poesia
Maria Irene Ramalho
- 88 Ensino primário e ideologia ou a face ensaística
de Maria Velho da Costa
Jorge Vicente Valentim
- 97 Estados críticos: algumas reflexões sobre a epígrafe
em Maria Velho da Costa
Rui Miguel Mesquita
- 104 A Fátima
Margarida Gil

ARTIGOS

- 111 O médico na berlinda: transmissão do «novo» diálogo
castelhano-português do Doutor Miranda (Lisboa, 1562)
M. Isabel Morán Cabanas
- 123 Da retórica iluminada à literatura ensinada
Luiz Eduardo Oliveira e José Eduardo Franco
- 134 Camilo Alcoforado: as 'Lettres portugaises' nas 'Memórias
de Guilherme do Amaral'
Daniel R. Bonomo

POESIA

149 *José Gardeazabal*

TEXTO

155 *Marco Lucchesi*

DOCUMENTO

163 Um inédito de Carlos Queiroz
apresentado por *Ricardo Marques*

NOTAS & COMENTÁRIOS

175 Podemos ler a 'Comédia', hoje?
António Mega Ferreira

186 O «cão sagaz» de 'Os Lusíadas', 9. 74. 1
Rita Marnoto

193 As narrativas de José Régio
Edgard Pereira

199 Fernanda Botelho: uma obra a reler
Fernanda Branco

206 Poesia completa de Maria Alberta Menéres
Fernando J. B. Martinho

213 O habitar em Ruy Belo: poética da alegria em fuga
Irene Borges-Duarte

220 O «sentido do sentido» na poética rizomática de Mário Cláudio
José Carlos Seabra Pereira

230 Faz-me um desenho
Paulo José Miranda

235 'Falésia' de Vítor Nogueira
José Eduardo Reis

RECENSÕES CRÍTICAS

LITERATURA PORTUGUESA

POESIA

245 *Lugar da Palavra*, Fernando Guimarães
MARIA JOÃO REYNAUD

250 *Antologia dos Poemas*, João Miguel Fernandes Jorge
HUGO PINTO SANTOS

254 *Os Cimentos da Noite*, José Viale Moutinho
ANTÓNIO CARLOS CORTEZ

257 *A Kodok Faliu. Também o Dick, o Cão da Minha Infância*, António Cabrita
ANTÓNIO CARLOS CORTEZ

259 *Estar em Casa*, Adília Lopes
EVELYN BLAUT FERNANDES

262 *Inferno*, Pedro Eiras
RITA MARNOTO

264 *Mach*, Alexandre Sarrazola
MARIA DA CONCEIÇÃO CALEIRO

267 *Adius*, Vasco Gato
MIGUEL MARTINS

FICÇÃO

269 *Rua de Paris em Dia de Chuva*, Isabel Rio Novo
ÁLVARO MANUEL MACHADO

271 *Cadernos de Bernfried Järvi*, Rui Manuel Amaral
MARIA DA CONCEIÇÃO CALEIRO

CRÓNICA

274 *Mais Que Mil Imagens*, António Mega Ferreira
MIGUEL MARTINS

ENSAIO

276 *Francisca Wood and Nineteenth-Century Periodical Culture*, Cláudia Pazos Alonso
ANA LUÍSA VILELA

279 *O Crepúsculo do Contemporâneo*, Paula Cristina Costa
RICARDO MARQUES

282 *Modos de Ver, Modos de Escrever*, Rita Novas Miranda
ELISABETE MARQUES

LITERATURA BRASILEIRA

FICÇÃO

284 *Uma Jornada como Tantas*, Francisco J. C. Dantas
AMÂNDIO REIS

AGRADECIMENTOS: A Avelino Sá pela autorização gentilmente concedida para reprodução das suas obras. A Clara Rowland, Raul Lourenço e Luis Manuel Gaspar.